

(As sessões de efeitos físicos entre nós)

Lêitor amigo, crente espírito sincero, a tua postura ante os fenômenos espíritos, presume-a. Tã, como eu, alcanças nos fenômenos do além um grande significado, uma mercê do Alto e grandiosa misericórdia, vindo em resposta às tuas torturantes indagações, dando solução ao mais grave problema — a razão de ser da vida e a imortalidade. A tua atitude em presença destes fenômenos tem sido de inteira reverência e profundo respeito. Porque alcanças nas manifestações do além e nos fenômenos de efeitos físicos um bem inestimável a causa da Fé e destino das criaturas. Tã, como eu, tens sempre ocupado uma posição passiva, de bons pensamentos e concentração, procurando atrair a influência benéfica e afastando, no possível, a perturbação dos elementos adversos. Eu sei que julgas insustentável e inoportuna qualquer atitude de desconfiança, como força negativa, capaz de quebrar a harmonia e perturbar a produção do fenômeno. Assim é, na verdade, e este tem sido sempre o meu pensamento. Supozhamos que apesar de tua boa fé, circunstâncias inesperadas viessem a te demonstrar que estes fenômenos também estão sujeitos a maculados pela mentira. Se a tua fé inabalável de crente impede de tua revolta, pelo menos obriga-te a, daí por diante, ocupar uma posição não mais passiva inteiramente, mas de vigília necessária. Então vêm à lembrança de teus ouvidos as advertências do Cristo: «Sede cautelosos como as ovelhas», com a entenda «e sagazes como as serpentes».

O verdadeiro crente, penso, não é aquele que vendo o erro e a falsidade, cruza os braços, procurando uma atitude cômoda, evitando desprazer e embaraços. Pode e deve o espírito de sagacidade abarçar a tolerância e a humildade. No Cristo vemos magnífico exemplo, em que sendo o modelo da humildade, sabia ocupar posição energética e ser vigilante nas ocasiões oportunas. O escrúpulo não representa a antítese da tolerância. Allan Kardec que colocou no seu lema a palavra «tolerância», sabia ter o olhar vigilante nas oportunidades necessárias. O espírito de mérito não está no que muito erê, mas naguele que sabe no que erê. E o espírito consciencie.

Quem escreve estas linhas, vendo a corrupção geral que invade todos os setores da alibidade humana, nesta época de transição, julgo que pelo menos o tempo sagrado da espiritualidade estivesse sendo poupado, não erendo que a petulância dos homens se abalançasse a tanto, a mentir e mistificar em nome da espiritualidade. Num caso particular, em que vinha erendo com toda a simplicidade, eis, sendo quando, por cooperação dos próprios espíritos, veio a saber que estava sendo vítima do mais usado e arrefinado embuste. Entendeu então, daí por diante, que necessitava tomar outra atitude e que os promotores da pantomina mediúica não deviam ter inteira carta branca para jogar com os fenômenos mediúicos, iludindo a boa fé dos inespertos, contribuindo para a desmoralização dos fenômenos ante os devidos de descobrir meios de detratar Espiritismo, e retardando a marcha da crença. E qual não foi a sua surpresa, ao reconhecer nas apresentações de alguns médiuns de fama, e que vinham alcançando sucesso, (possibilitando mesmo publicações em jornais profanos de grande tiragem, já não falando na profusa propaganda de muitos jornais es-

piritas e mesmo obras publicadas) verdadeiros embustes e mistificações. Deste modo, sempre que encontrou possibilidades e julgou oportuno, procurei demonstrar a falsidade de muitas apresentações tidas como verdadeiras e como tais vulgarizadas. Por experiência, observação e estudo, pondo em relevo os fatos apresentados pela imprensa e livros, ou simplesmente narrados, ante os simplesmente eribidos pelos grandes experimentadores, cheguei a conclusão de que uma grande parte, sendo a quasi totalidade, era de falsidade e mistificação.

Tornou-se urgente por um parâmetro a tanto disparate, já que uma grande parte dos erentes não se recusavam dos escritos necessários, facilitando mesmo por sua atitude a mistificação. Em boa oportunidade, surgiram os chamados «Comandos do Espiritismo», encobertos por contrades de exalta e merecimento cultos e capacitados ao empreendimento. E o resultado obtivemos, conforme reportagem no «Diário da Noite», numa demonstração que surpreendeu a muitos, pela negatividade e insucesso de quasi todas as experiências.

É verdade que dispuzeram de pouco material para pesquisas, porque este que era abundante, escasseou na hora necessária. Evidos dos vários médiuns se apresentaram, de sorte que os «Comandos» não tiveram outro recurso senão recorrerem a algumas sessões e poucas experiências. Foi o suficiente para que, sem grande esforço apurassem a falsidade e mistificação da maior parte dos fenômenos. Analisando as sessões encobertas por contrades de experimentadores, nada vi que pudesse desabonar a atitude destes, sempre licita e enquadrada nas leis que regulam os fenômenos. De uma feita, um experimentador levanta-se de seu lugar e surpreende o médium manobrando com as próprias mãos os objetos; gesto nada censurável, antes tolerado e necessário. Um médium submeteu-se a várias experiências, o sr. José Correia Neves (Zeziho). Conseguiram alguns fenômenos positivos, estando o médium sob severa vigilância, tendo as mãos e pés seguros, porque, afóra isto, é quasi certo que comesses truques. Esta foi a referência que tive de um dos experimentadores. Foi, portanto, este médium teve o grande mérito de submeter-se a algumas experiências, naturalmente na convicção de que fenômenos reais podiam ser apresentados. E os «Comandos» fizeram justiça. Uma coisa ficou estabelecida, a demonstração da mediunidade do sr. José Correia Neves, sem o que pairaria sempre a dúvida sobre ele.

Eu sei que os membros do «Comando», pelo fato de terem a coragem de demonstrar o quanto de mistificação e de embuste andava pelos arraiáos das sessões de efeitos físicos, prestando deste modo um grande bem à causa da Doutrina, têm sofrido grandes dissabores e afrontas, mesmo de contrades poucos escrupulosos. Mas não e perseguidos têm sido sempre os que se esforçam pelo triunfo da verdade e desçam o bem.

De minha parte quero deixar aqui patente a minha aprovação e solidariedade pelo gesto que tiveram, procurando captar o «maior» da seara e contribuindo assim eficientemente para o progresso da Doutrina. Meus parabéns!

T. Novellino



A NOVA ERA

ÓRGÃO DE PROPRIEDADE DA CASA DE SAÚDE ALLAN KARDEC

Ano XXII
N. 820

Redação: Rua José Marques Garcia, 451-Oficinas: Rua Campos Sales, 929-C. Postal 65-FRANCA

Director de 15-11-927 a 21-6-942: José Marques Garcia
Diretor: Dr. Tomaz Novellino — Gerente: Vicente Riechlinho — Redator: Dr. Agnelo Morato

REGRESSO Á PATRIA ESPIRITUAL

JOSÉ RUSSO

Em cumprimento ao último e sagrado dever terreno, traço estas linhas, ainda sob profundas emoções, como prelo de homenagem filial ao espírito que nesta jornada usou o nome de Pedro Russo e que lóra meu pai.

Ante a natural consternação que a ausência provoca, compreendo que a morte não significa a eterna separação entre os que ficam e os que partem. Para além do véu a vida se desdobra e o espírito amplia as suas possibilidades, demandando novas conquistas, e aqueles que se irmanaram pelos indissolúveis laços do amor, jamais se esquecem e se amaram sempre. Não ficaria bem para um filho fazer o habitual necrológico de seu pai, porém, há determinados fatos que sómente os familiares conhecem e sabem apreciá-los.

Meu pai desencarnou no dia 13 do corrente mês, às 2 horas da manhã. Fora sem favor póstumo, um bom cidadão, probo, laborioso, simples e paciente. Formara o seu lar há mais de 50 anos e nele acolhera 12 filhos, restantes presentesmente 9, todos maiores e integrados na luta pelas obrigações da vida, os quais o assistiram até a hora da partida deste mundo.

Pezavam-lhe seus 85 anos e já nos últimos meses comprazia-se em dizer que o fim estava se aproximando, mas que pronto se encontrava para a viagem.

Espírito forte, resignado e crente, desde muitos anos se interessara pela doutrina, lendo continuamente as obras espíritas com alto descortino de seus múltiplos aspectos. A sua desencarnação foi o coroamento de uma existência fecunda em trabalho e ações humanitárias. Desejara a presença de todos os filhos a seu lado, e até os derradeiros minutos perfeitalucidez de espírito, fazendo-me diversas recomendações, as quais deixo de mencioná-las por serem de caráter íntimo e pessoal. Considero e conservarei como herança de subílo valor uma frase a mim dirigida, horas antes do desenlace: «José, meu filho, continue a fazer o bem a todos». Todos os filhos e netos, genros e bisnetos, receberam uma palavra de carinho.

Perguntando-me quantas horas eram e ao ter de pronto a resposta, que eram duas, e que foram as suas últimas palavras, imparietou-se como se quizesse sair do leito. Eu e os irmãos presentes o erguemos da cama amparados o afim de descançar um pouco, e então, sem um movimento, sem um gesto, numa serenidade impressionante,

desprendera-se do corpo exausto e ecrênico... Quinze minutos antes ainda falara comigo e aos meus irmãos...

À saída do corpo do lar, onde vivera por tantos anos, tomei a atenção da multidão presente e discorri sobre o acontecimento de todos os dias, ressaltando a eternidade da alma e seus destinos futuros, dentro da base imortal do Evangelho de Jesus. Prestei assim ao meu querido e inesquecível progenitor a última homenagem terrena, cujos exemplos, permita Deus que eu o siga sempre.

Em nome da família desejo expressar o meu agradecimento sincero e cristão aos médicos que o assistiram durante a enfermidade, em par-

tecular ao distinto e caridoso amigo Dr. Aristides Cunha, cuja dedicação jamais será esquecida, bem como aos parentes e amigos de Monte Santo de Minas que o visitaram e o levaram ao túmulo. De todo coração estendo a minha gratidão aos amigos e confrades de Franca pelos telegramas de solidariedade, que foram para todos motivo de grande consolação.

Ao espírito óra liberto, as minhas saudades e votos de breve despertar em a nova vida onde se encontra.

Que Deus nos anime e conforte para que um dia possamos nos reunir ao papai, quando houvermos terminado os deveres e obrigações que Deus nos confiou. Que Jesus, o Mestre Divino, o ampare e ilumine sempre...

A «USE» E A 4.ª SEMANA ESPÍRITA DE FRANCA

A última Semana Espírita de nossa cidade se caracterizou, sem exceção, por movimentação social digna de registro numa crônica à parte. Efectivamente, ela, apesar de muitos contratempos e imprevistos, que chegaram a modificar a estrutura de seu programa preestabelecido, ganhou vibração intensa e, mais ainda, se acentuou como trabalho cristão. Confrades que nos têm acompanhado desde o início, quando tentávamos as primeiras organizações de conclave dessa natureza, expontaneamente nos deram seu ponto de vista. E étes mesmos nos afirmaram que o trabalho desta vez teve, sem dúvida, orientação mais prática.

E assim a «4.ª SEMANA ESPÍRITA DE FRANCA», revestiu-se de entusiasmo sadio, já pela compreensão dos seus participantes, já pela cooperação que recebemos indistintamente de confrades e companheiros.

Efectivamente quer nos parecer que desta vez tivemos mais aproveitamento de tempo. Melhores oportunidades surgiram. E assim nós nos preocupou tanto o lado de validade e tivemos ganho de eficiência na parte doutrinária e evangélica. As noites tiveram seqüência natural e somente poucos foram os oradores escalados que não deram o ato de sua presença.

E atribuímos o sucesso desse conclave à colaboração que a «União Social Espírita de São Paulo» nos deu diretamente. A USE já é a realidade que nos veio dar esperança acalentada por ansio e sonho. Mais uma vez ficou patente que organização sempre dá resultados mais práticos para empreendimentos dessa natureza.

E com os dias preenchidos de modo a satisfazer quanto exigências, desde o dia 17 a 21 de julho, vivemos ocasiões de verdadeiro aspecto de doutrinação, tantas foram as aulas que recebemos. O sucesso alcançado foi estímulo. E devemos-o, convem repetir, à USE que prestigiou, no mais alto grau e com espírito fraternal, esse certame espírita de nossa região.

Gosto digno de anotar, sem dúvida, foi esse da USE. Desse modo ela vem demonstrar suas finalidades e quanto pôde para amparar convenientemente as iniciativas dentro de nossa Doutrina.

Prof. Godói Paiva, sta. Nancy Pulman, Dr. Apolo Oliva Fo, Dr. Euripedes de Castro, Vicente S. Neto, profa. Luiza Camargo Branco, prof. Anselmo Augusto Gomes, prof. Emilio Manso Vieira e Carlos Jordão da Silva foram os elementos que a USE nos enviou. E que representaram culta e preclara! Todos sentiram bem o valor dessa turma luzidia.

Alinda para complemento maior tivemos a cooperação das coirmãs de Barretos e Ribeirão Preto que nos enviaram seus oradores e representantes animados.

Nessas festas de confraternização sempre há aquilo que fica como prova substancial — convívios, assim nos fazem mais encorajados na intergração definitiva aos postulados do Espírito Consolador.

E a «União Social Espírita de S. Paulo» veio trazer para a nossa última semana espírita o senso prático de suas realizações que, ao mesmo tempo, é promessa firme de trabalhos mais amplos para o futuro.

Assim, sentimos o trabalho admirável dessa entidade. Cremos agora na «USE» porque estamos vivendo com seus organizadores o mesmo ansio de ideal levantado. E pelo que tem realizado já, fácil é concluir — se que ela está fadada a uma jornada vitoriosa nesse setor, porque presente-se nesse o auxílio direto do Alto.

Torilha Aed

Mocidade Espírita Franciscisco de Assis

Comunicou-nos a posse da sua diretoria a Mocidade Espírita de Bomsucesso que ficou assim constituída:

Presidente: Francisco Lima; vice presidente: Maria dos Anjos Tavares; 1.º secretário: Henrique Sloboda; 2.º secretário: Curie Dertonio; tesoureiro: José Barbosa Moura; mentor: Manoel Moura Domingues.

Gráfica "A Nova Era"

CONFECIONA A UMA OU MAIS CORES

IMPRESSOS



Rua Campos Sales, 929 — Caixa Postal, 65 — Fone, 317

FRANCA — E. S. Paulo

Seção da Mocidade Cultural Espírita de Franco

«Prática que o Espiritismo não aceita»

Por Joreves
Extraído de «O PODER»

O Espiritismo, como todos os ideais que contemplam o princípio da imortalidade através do estudo sereno e consistente da Filosofia e da Ciência, não pode nem deve ser uma mistura de práticas grosseiras, caprichosas, ao bel prazer de adeptos sem estudos.

A prática do Espiritismo deve processar-se, de conformidade com as normas que recomendou Kardec, em suas obras magistrais.

As sessões espíritas devem ser geralmente cristãs, isto é, devem ser orientadas nos sublimes ensinamentos de Jesus, escólmadas de quaisquer formalidades ritualísticas.

Nem todos seguem estas normas, infelizmente; existem nas fileiras espíritas muitos adeptos vindos do catolicismo, trazem consigo crenças e ideais que julgam poder e adaptá-las ao Espiritismo. Este, no entanto, não as pode aceitar, porque são de outros princípios, dogmáticos ou não, oriundos do misticismo pagão de séculos antigas e, por conseguinte, fora de uso.

É frequente ouvir-se alguém dizer-se espírita, mas que vai à igreja católica batizar os filhos ou servir de padrinhos dos de outros; há igualmente os que mandam rezar missas e vão assistir aos outros ainda, e tornam-se religiosamente nas mesmas igrejas, etc.

Está muito bem que assim procedam, antes de fazê-lo, porém, devem tirar de si o rótulo de «espíritas» e confessarem-se envolvidos ainda nas malhas dos dogmas católicos.

Outro mal não lhes sucederá senão o de retardarem ainda por muito tempo a marcha de sua evolução espiritual, ao passo que outros, serião o progresso que lhes adviria se tiverdessem, sem preocupações, pela estrada do Cristianismo, de que o Espiritismo é complemento e o farol mais potente.

Há, ainda, os que fazendo parte das sociedades ditas espíritas, conformam-se com o praticarem, eles mesmos, nas instituições que dirigem, atos exclusivamente do uso da língua romana, batizam, rezam, tacham, fazem casamentos chamados espíritas, etc.

Por intermédio das colunas deste conceituado órgão da imprensa espírita, chamamos a atenção dos confrades para essas aberrações que sientam contra o bom nome do Espiritismo.

A prática da nossa Doutrina deve ser completamente livre de dogmas, cerimônias e formalismos ritualísticos. Estes são o mérito de roubar-nos tempo precioso e entravar o nosso progresso espiritual.

E não deve estudar, conscientemente, as obras fundamentais da Doutrina e procurar rever de nossos grupos e centros os batismos, casamentos espíritas e quejandos. Recordemo-nos de que estamos aqui, na terra, nos processos de reajustamento e, por isso mesmo, temos que proceder com prudência para acertar mais e errar o menos possível.

Estudem bastante os Evangelhos, pratiquem o que nêles ensinamos e não comelamos o dilate de trazer para dentro de nós as sociedades práticas que o Espiritismo considera como cousas obsoletas.

Campanha da Poltrona Pró Educandário Pestalozzi...

Chegam-nos, diariamente, confortadoras provas de compreensão à Campanha que iniciamos no sentido de mobilizar o «Pestalozzi». Ou seja, contribuições para o fundo de emergência que quando bem compreendida, pode ser exercida, pois que aquele que não pode mandar o valor de uma poltrona e que é de Cr. 150,00, poderá enviar qualquer importância. A intenção é tudo. O óbito da viúva pobre enaltecido pelo Cristo é uma prova de que todos poderão colaborar em qualquer empreendimento.

Publicamos, mais algumas contribuições recebidas: de Monsant: José Pereira Lima, 150,00; do Rio: Iraci Corrêa, 300,00; de Uberlândia: José Camilo Tedesco, 150,00; de Igarapava: Aza Matar, 150,00; de São Paulo: Capitão Florentino, 150,00; do Sacramento: José Rezende, 300,00; Eurípedes Barsanulfo, 300,00; de Uberlândia: Crisanto Zuliani, 140,00; de Ribeirão Preto: Antônio, 150,00; de São Paulo: Walter Levyman, 150,00; de Uberlândia: Tarcília Ferreira, 150,00; de Franco: José Peres, 100,00; Adelia Borges, 50,00; Josefina Trócoli, 150,00; Adrubal Gama, 150,00; A. Lopes de Melo, 150,00; de procedência ignorada: Oscar M. Santos, 40,00.

Aos generosos contribuintes os nossos sinceros agradecimentos.

Curso de Esperanto...

Sob a orientação do professor Haroldo Leite, a «MCEF» iniciará no próximo mês de setembro, um curso de Esperanto. O curso será inteiramente gratuito e ministrado a todos interessados, independentemente de consulta à crenças religiosas.

Aos Confrades...

Compareçam às reuniões de estudo da «MCEF», aos domingos, das nove e meia às onze horas e aos sábados às 19.30. Levem também seus filhos pois a «MCEF» mantém Curso de Espiritismo, desenvolvimento de oradores evangélicos, departamentos musical e teatral, além de outras realizações.

ROMANCE MEDIÔNICO
Francisco Spina

TERRA SEM DEUS

(Capítulo XII)

(Continuação)

Foi ante esse quadro que Erasto virou-se para entre aqueles infelizes estava sua irmã.

Quando procurava desculpá-se com doze irmãos, seus irmãos, foram atraídos para a mesa de homens a cavalo, que galopavam pela estrada. Todos acompanhavam com os olhos um delfim que vinha na frente em direção à estação, como se fosse o comandante de uma tropa, quando se aproximaram os cavaleiros, de lá frente, apontando de suas montarias, para se contemplar os recém-vindos para o trabalho da lavagem.

O que estava na frente era o capitão, que vinha relacionar as famílias, para serem distribuídas por diversas fazendas. Era um homem que ouvira falar e escrever — indivíduo de péssimo caráter e absolutamente sem alma. Era ele quem mandava mais facilmente para as suas aquelas gente vinda destinada.

Com um olhar de carrasco, dirigiu-se ao vigário, intrandando-o de cima para baixo e exclamando:

— Então, seu vigário!... Tenho uma boa obra para você pregar seus sermões no meio do campo. É o campo — é um belo templo; pode pregar sermões de sol a sol!

— Hum!... Que linda notícia! É sua parente, seu vigário?

— É filha do coronel Fagundes — respondeu o vigário, apontando o céu.

— Oh! Oh!... Um excoelmo!... Tenho uma esperança para você comandar o trabalho nos campos!

— Já afundado-se para examinar os homens e capitão não tirava a mão da sua companheira insuperável — a garçucha — e seus olhos, semelhantes aos de uma serpente, não desviavam de Aparecida.

Depois de lançar seus olhares por todos os recém-chegados, resolveu encaminhar uma parte dos colômbos para o campo. Estava distava da estação cinco leguas, abandonando o restante, que não lhe convinha, ao lado de seus desvelos.

— Não, senhor! Isto aqui é a eternidade, e eu vou fazer a sua vontade.

— Você, homem — retrucou o vigário — é que criaram um Deus à sua imagem e semelhança, mas eu não acredito nem obedecer a esse ente criado por vocês! Não compreendo, absolutamente, essa criatura ridícula, que se declara em mandar os seus filhos para um campo, para serem doutrinados, e os condenados para o inferno!

— Perdão, amigo — respondeu o vigário. Uma única coisa eu espero: é a morte, para viver uma vida melhor!

— Chega de conversa, seu vigário; amanhã vocês vão ao campo no seu parreirão, no meio dos cafezais!

SILHUETA

O nosso perfilado de hoje é, além de tudo, bem composto e alçado, assemelhando-se, às vezes, quando está de mau humor, a um espécime de rei das selvas, infrene, obstinado e prepotente contra aqueles que não participam, submissos e obedientes, de sua dialética inexpressiva, vetusta e antiquada. Sendo, não há dúvida, um elemento de relevo e proteção na sociedade, ele sempre toma, de preferência, os primeiros lugares quando aparecem as diversões, banquetes e festividades profanas. Esse ilustre personagem, por sua vida onívora e improdutiva, parece que se vegeta e bamboleia, a exemplo de muitas ervas e musgos, que se alimentam, nas florestas, através da seiva nutritiva dos arvoredos, das plantas e dos arbustos. O seu aspecto, todavia, apresenta-se, invariavelmente, austero e assomado, pela sua agitação íntima, incessante, pensativa, talvez, um pouco futuro árduo e sombrio. Foi distinguido, graciosamente, esse ente felizado, com um empolgante e valioso mimo, mas ele está, naturalmente, um tanto lastimoso, por ser já muito prisco e sem vigor, a fim de utilizá-lo com mais ampla atividade, com mais avidez e desassombro, na difusão do seu ideal averbo, nefasto e sem calor. Trata-se, com certeza, com fino gosto e a rigor, preferindo, entretanto, a vestimenta cor das trevas, dando assim idéia das antigas «carpideiras», ou que ele anda, enlaidado, pelo traspasse de algum ente idolatrado. Não é, pelo que parece, um ser hermafrodita, mas confundido-se, muitas vezes, com várias matronas de hábito estiloso, escuro e avulzado. Não importa, pensando, que o nosso perfilado, seja dama ou cavalheiro, o que nos interessa, no entanto, é que ele se torne amigo de Deus, do próximo e de si mesmo, melhorando os seus instintos e qualidades morais, tornando-se fraterno. Os homens, enfim, que ceiram esse ornamento social, ouvem-no, com muita reverência e atenção, não pelas suas formas hercúlicas e avulzadas, nem pela sua atração e simpatia, mas pela força de sua parolagem irrequieta, imprópria e dissonante. Torne-se, pois, difícil a muita gente, por mais astuta que seja, desinserir esta pessoa, visto que ela ora se oculta, ora aparece, preferindo mais a sombra e o sossego do lar. Encerrando, afinal, esta humilde e singela crônica, lembramos ao nosso perfilado, que o melhor exercício do bem, do amor e das virtudes, a fim de que São Pedro não lhe cerre, um dia, pela mingua de seus atos e boas obras, os umbrais da eternidade.

Leonardo Severino

Aos nossos assinantes

Solicitamos de todos os nossos assinantes o favor de remeterem toda correspondência relativa a esta folha diretamente à gerência do jornal, em nome de Vicente Richinho, para a caixa postal 65.

Gráfica «A Nova Era»

Confecçãona com capricho e presteza qualquer serviço do ramo

Rua Campos Sales, 929

FRANCA

E. S. Paulo — Linha Mogiana

contra os lobos, enquanto as ovelhas dormem.

— Hum!... que dizer que eu sou um lobo, vigário?

— Talvez!

— Você, homem — retrucou o vigário, que eu não sou lobo! Eu sou aqui o Todo Poderoso!

— Então, estamos no inferno e...

O capitão alçou:

— Não, senhor! Isto aqui é a eternidade, e eu vou fazer a sua vontade.

— Você, homem — retrucou o vigário — é que criaram um Deus à sua imagem e semelhança, mas eu não acredito nem obedecer a esse ente criado por vocês! Não compreendo, absolutamente, essa criatura ridícula, que se declara em mandar os seus filhos para um campo, para serem doutrinados, e os condenados para o inferno!

— Perdão, amigo — respondeu o vigário. Uma única coisa eu espero: é a morte, para viver uma vida melhor!

— Chega de conversa, seu vigário; amanhã vocês vão ao campo no seu parreirão, no meio dos cafezais!

A negação de Cristo

Mariano Rango d'Aragona

Na quase totalidade das nações católicas, protestantes e ortodoxas há um Cristo pendurado, nos templos da justiça. Se temos presente que o Mestre dos mestres gritava: «Eu não quero que o pecador morra, mas que se converta e viva», definindo, assim, a sua mesma parábola do «filho pródigo», é claro que Ele exprimeva inequivocamente a síntese do nosso Espiritismo, pelo qual cada pecador atende a sua evolução fatal, isto é, regeneração das vidas materiais até à pureza criadora.

Porém, infelizmente, não é assim, porque o Cristo pendurado serve para testemunhar, não da lei de Amor e do Perdão, ou seja, da gradual humana regeneração, mas do aniquilamento físico e moral, com as penas do cárcere perpétuo, da cadeia elétrica, da guilhotina e da fôrca, sentenças emanadas pelos assim ditos sacerdotes da Justiça.

É uma verdadeira substituição da vingança individual pela oficial; a maior e mais cruel das reformas sociais, que quer dizer implicitamente ao vingador da mais atroz ofensa: «Não faça nada porque aqui estou eu em nome da lei e do mesmo Cristo.» O qual tinha apenas concluído: «Perdoai ao vosso inimigo não sete vezes, mas setenta e sete vezes.» E ajuntava: «Não

julgueis porque sereis julgados.» E mais tarde concluiu: «Se recebeis no rosto um soco, oferecel o outro lado.»

De tanta humildade e gloriôsa doutrina de amor, Ele descia ao mundo para ensinar o caminho da paz e da fraternidade, suportando os inimigos de hoje para reencontrá-los amanhã irmanados, na gradual ascensão da vida planetária.

E para eterno com o exemplo o mais humilde, mas glorioso, encontro uma reencarnação única no heroísmo, no altruísmo e no suplício, que os mesmos sequezes do Evangelho esqueceram completamente, para confortar os condenados à pena capital com outros sacerdotes profissionais, ao lado do algoz oficial.

Que mundo de ironias sangrentas...

Porém, tudo isto vai desaparecer. A mesma ciência, a razão, a imprevidibilidade da fraternidade humana, como são a vida do Universo, impõem que triunfe a religião do Amor e do Perdão do Cristo. Religião que nós, espíritas, estamos divulgando por todo o Mundo, a despeito do ódio, da ignorância.

Sim, porque a luz divina é a eterna madrugada das noites que parecem eternas.

Assim foi do Paganismo romano; assim será do dogma.

ESPÍRITAS CRISTÃOS

A lei da evolução é eterna, e cada um de nós deve compreender que a nossa felicidade depende de nós mesmos, e não devemos procurar longe de nós a causa de nossos sofrimentos. «A cada um segundo as suas obras» e «O que semeamos colheremos», portanto, a nossa evolução espiritual está em nossas mãos. O plano Astal, o plano Mental e o plano Divino nos envolvem inteiramente, portanto a nossa comunicação com os mesmos planos se verificará infalivelmente quando nós dispusmos a vibrar os nossos pensamentos de tal maneira que a sintonização seja idêntica à cada um dos referidos planos.

Portanto, devemos saber que «Somos templos do Espírito Santo e que o Espírito Santo habita em nós»; o dia que a Humanidade reconhecer a sua potencialidade espiritual, quando descobrir o seu «EU», eterno, imutável e indiscutível, pode afirmar com segurança «Eu e meu Pai somos um».

O planeta Terra marcha aceleradamente para uma grande evolução, levando nesta marcha os seus habitantes, e dias virão que as criaturas encarnadas aqui, serão tão evoluídas espiritualmente, que, estarão constantemente em comunicação com os desencarnados, as comunicações entre os erroneamente chamados mortos se tornarão vulgares, porque o homem estará tão evoluído que fa-

cilmente por-se-á em condições de vibrar, ficando em condições de facilitar o intercâmbio nos diversos planos de vida.

O simbolismo do céu e inferno, ficará esclarecido e cada um, vibrará de acordo com os estados acima mencionados, realizando a sua ascensão ou o seu aviltamento; se pretender encontrar o céu fará de sua vida, nos dias da passagem pelo planeta, um rigoroso e sério caminho da prática dos Mandamentos de Moisés, acrescentando o «Amém» uns aos outros» do Mestre Inigualável Jesus Cristo, e se quiser encontrar o inferno, vibrará no caminho contrário que é a prática de crimes contra a Lei de Deus, portanto o céu ou inferno está dentro de nós mesmos, e não longe de nós como erroneamente ensinam as velhas religiões, determinando tais condições espirituais como um LUGAR determinado.

Procuremos, pois, Espíritas cristãos, pôr em condições espirituais, por pensamentos, palavras e obras, para que sintamos as vibrações do nosso «EU» unido ao Pai e assim possamos entrar em comunhão com os planos de vida que nos cerca por todos os lados e interpreta-se em nós, pois, assim chegaremos mais breve a Casa do Pai.

Teófilo de Araújo Filho

Aos nossos assinantes

A fim de facilitar a remessa de nossa folha a todos os nossos prezados assinantes, solicitamos dos que mudarem de residência o favor de nos mandarem com toda clareza possível o seguinte:

- 1.º — Nome completo, por extenso.
- 2.º — Antigo endereço.
- 3.º — O novo endereço para onde deve ser remetido o jornal.

Já está à venda a música do Maestro CLAUDIO JUNQUEIRA e AGNELO MORATO:

«BRASIL E JUVENTUDE»

Hino dedicado às mocidades espíritas.

Pedidos para «A NOVA ERA»

CURSO de ESPIRITISMO

ALTIVO FERREIRA

O estudo do Espiritismo, segundo temos observado por meios diretos e através de leituras, não obedece a um programa pré-estabelecido, no qual se fundamentem os pontos capitais da doutrina e se estabeleçam os métodos padronizados para um aprendizado uniforme. Os Centros Espíritas, no geral, realizam sessões evangélico-doutrinárias, em que se difundem os ensinamentos contidos nas obras básicas da Terceira Revelação, muitas até bem orientadas, que alcançam ótima frequência e resultados alvareiros. Mas, tudo isso, sem a sequência gradativa dos pontos estudados, que faz parte da verdadeira pedagogia.

Tal sistema, pouco recomendável, vai, também, se enraizando nos trabalhos de muitas *Mocidades Espíritas* — núcleos estes onde imperam o espírito jovem, as inteligências em formação e os caracteres ainda não esboçados. Como resultado, verificamos que os anos passam e o ensino doutrinário permanece no lugar comum, sem acompanhar o ritmo evolutivo da época e as exigências da própria religião.

Mistér se faz a criação, em todos os núcleos espíritas, de cursos de Espiritismo orientados por confrades competentes que ministrem aulas periódicas à comunidade, para que um novo sopro de conhecimentos areje os espíritos sedentos de verdades não reveladas. *Catecismo, Mocidade e Centro Espírita* — as três células primordiais da educação religiosa — não só precisam marchar juntas, como também obedecer a uma norma única de trabalho.

As palestras sobre temas avulsos, escolhidos de afogadilho, não há dúvida que instruem bastante, mormente quando falam oradores ilustrados, a felios ao manuseio de bons livros e consciós da sua grande responsabilidade com o auditório que os ouve. Todavia, estas palestras são como os meteoros que riscam o espaço em semi-circulo maravilhoso deleitando-nos a visão, mas desaparecendo quase instantaneamente, sem nos legar uma impressão mais duradora. O valor do ensino espírita se fundamenta justamente na ordenação da ma-

téria, na graduação do estudo e, principalmente, no regime de aulas, com obrigações definidas para os elementos que se dispõem a aprender.

Alguma coisa já se fez neste sentido. Em Barretos, onde milita esse confrade de extraordinária capacidade de trabalho, que é o Dr. Wilson Ferreira de Mello, a *Mocidade Espírita* sob a orientação vem seguindo um Curso de Espiritismo dos mais eficientes, organizado caprichosamente, com material abundante e bem distribuído. Trata-se de um trabalho de grande alcance doutrinário, em que se reúnem as obras fundamentais da doutrina, tais como «Livro dos Espíritos», «Evangélio Segundo o Espiritismo», «Livro dos Médiuns», e mais uma parte complementar baseada em outros livros de Allan Kardec, Leon Denis, compêndios mediúnicos de Francisco Cândido Xavier e de outros luminares do Espiritismo. Esse programa tem sido difundido entre muitas agremiações espíritas deste e de outros Estados, e todas o têm recebido com bons olhos. Não sabemos, porém, se o vêm empregando em seu próprio benefício.

A exemplo do que se faz em Barretos, todas as *Mocidades*, evidads do sagrado intento de auto-iluminação, deveriam seguir, em seus trabalhos, uma orientação semelhante. Os núcleos juvenis de Espiritismo, que já representam uma revolução dos métodos antigos de divulgação doutrinária, precisam estudar a Terceira Revelação como se estuda português, história, geografia ou outro qualquer matéria dos currículos escolares: com programa pré estabelecido, com sentido didático, com a preocupação de bem aprender.

O novo sopro de entusiasmo que reaviva a fé no coração dos moços e os congrega em torno da bandeira das *Mocidades Espíritas* prenuncia uma nova aurora nos horizontes do Espiritismo. Que os orientadores dos jovens, na seara espírita, saibam valer-se desse elemento como força criadora de rumos seguros e culturas sólidas no vastíssimo campo da Codificação de Kardec.

CONSIDERAÇÃO

(do autor
para A. B.)

Eu haveria de esperar sempre uma eclósão tua. Simpatizei contigo desde há anos. Certas afinidades ideológicas uniram os nossos pensares.

O que quer que se diga, eu, o conhecido escritor da terra, sou pensamento; e como pensamento sou tão vivo, ou mais vivo de quando vivi na terra. Não possuirei mais certas paixões, tão próprias da personalidade e reflexo do meio em que ela convive. Sou outro. Mas, como outro, não sofri alteração de continuidade. Sintome tal como era, com a variação da leveza e da rapidez de movimentos. Como antena de longo alcance, atingem-se as vibrações que partem daqui e dali. Mas só respondo e atendo do as que eu quero, as que julgo convenientes e oportunas. Não sou joguete de ninguém.

Tu, sinceramente, admiras-me. És um simplório, sem valdades extemporâneas, sem pretensões oportunistas. Admiras-me porque escrevia bem; e se escrevia bem é porque também pensava bem. Nada mais. O meu escrever era o reflexo da minha vontade, do meu anseio, do meu idealismo. Transformava em palavras as ilações do meu pensamento nutrido pela observação, pela análise, pela meditação, pelo desejo de fazer alguma coisa em benefício do «homem». E, a esse «homem», acoitiei-me certo livro para fazê-lo despertar; chamei sua atenção e tentei educá-lo com «AS FORÇAS MORAIS»; tentei ensinar-lhe uma nova rota social com «OS TEMPOS NOVOS». Tudo que fiz, o fiz com sentimento e devoção à humanidade. Terá ela me ouvido? Pouco importa. As lições não se aprendem, correta e eficientemente, só lendo, mas sofrendo; e o sofrimento será o bulir que há de transformar o próprio homem, cinzelando o «homem do futuro». O «tempo» estará conosco; acredita nisto, amigo meu. O meu e o teu ideal é de paz, de sabedoria,

de consciência clara, nítida, concisa. Não nutrimos pruridos de interesses subalternos. E nisto consiste uma nossa afinidade. Nesta vida, tu e eu, fizemos pouco ou nada. Mas se te disser que juntos lutaremos, no futuro, para vencer, que me dirias? Eis onde se confunde e

se eclipsa o pobre saber do homem carne.

Pois, é. Continua amando a humanidade. Tem fé no futuro, porque tu e eu, e eu e tu, como tantos outros, somos o reflexo de uma falange de seres conscientes, que eternamente viverão, sempre em busca de Paz, de Ideal, de Amor.

Bilhete ao Lasneau

Amigo, o sementeiro
Que avança com Jesus Cristo
Sobrepuê-se, cada hora,
Ao sofrimento: imprezioso.

Vence a aflicção, vence a mágia,
Vence a treva indiferente,
Esquece as dores da Estrada
E segue, feliz, à frente.

Drena os charcos do caminho,
Remove todo espinheiro,
Auxilia toda gente,
Serve e canta o dia inteiro.

Extingue os vermes daninhos
Do fel e do desalento
Relegando-os, cada instante,
Ao fosso do esquecimento.

Perdoa infinitamente
Na glória do amor cristão,
Trabalhador desta estirpe
Encontro em teu coração.

Prossegue, pois, valoroso,
Na sementeira da luz,
Se a tarefa é dolorosa,
O campanheiro é Jesus.

Casimiro Cunha

(Recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier, em Pedro Leopoldo — Minas, em 30 de julho de 1949)

Compreensão necessária

— Uma página de Salustiano por intermédio do médium Valdemar Barbosa, de Boa Esperança —

Os aspectos da evolução caracterizam-se modificando cada indivíduo para o Alto. É uma só forma e esta é o Bem que torna o homem feliz em qualquer situação da sua existência.

O Bem transparece de qualquer virtude e fica na atitude ampla, vencendo todos os domínios humanos. Dai ser ele ja-

tor de progresso e de liberdade. O Bem pode modificar o poder e restabelecer o direito. Por isso, afasta o egoísmo para efetivar a justiça.

O Bem não traz intranquilidade nem tormento. É certeza e amparo a todos em suas horas amargas. O Bem é virtude do céu, preciso mesmo a própria alegria.

O Bem não quer que o homem fuja da luta por comodismo. É o estímulo ao trabalho.

O Bem não possui meios de se amoldar à hipocrisia. Em seu campo de ação desfaz mentiras e exalte a virtude, pois ele se fundamenta na própria verdade.

O Bem é altruísmo. Estimula para que não haja quem se curve impassivo ante as misérias do mundo. Torna-se sempre alavanca poderosa para movimentar a ignorância. Logo ele é percussor de todos os conhecimentos.

O Bem não é limitado a um círculo definido do mundanismo. É sol radioso que ensina e reeduca. Suas lições sublimes são o amor... Ele é a luz para todos os destinos...

Procuramos, pois, sentir o Bem em nossas ações de cada dia e viveremos a eterna verdade de amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos.

HERANÇA DO PECADO

Um livro que deve ser lido por todos os amantes de leituras sãs e instrutivas.

Livraria «A NOVA ERA»

CHEGOU!...

Grande e variado estoque das melhores e mais conhecidas obras espíritas.
Os melhores livros da atualidade.

— Rua Campos Sales, 929 —
Cx. Postal 65
Franca — E. S. Paulo

CASA DE SAUDE «ALLAN KARDEC»

DONATIVOS RECEBIDOS

Franca, da. Francisca Campos, cr.\$ 10,00; da. Carmen Sêles, 100,00; da. Alely Antunes de Paula, 100,00; senhora do sr. José Augusto Garcia 1 lata de banha de vaca — Anápolis, sr. José Curi, 2 sacos de meio arroz — Pirajui, sr. João Lourenço Teixeira, cr.\$ 10,00 — Limeira, sr. Luciano Aleixo, 100,00 — São Paulo, de R.A.K. por intermédio de da. Alzira de Freitas, 50,00 — Ipan, resultado de uma lista a cargo do sr. Joaquim Gabriel de Souza, 40,00 — Osvaldo Cruz, sr. Luiz Fontana, 10,00; — Monte Santo de Minas, Althaide Silveira, 50,00 — Por intermédio do sr. Antonio Alves Passos: Miguelópolis, 508,00 — Guaira, 1.147,00 — Ipan, 180,00 — S. Joaquim da Barra, 441,00. Em nome da Casa de Saúde «Allan Kardec», agradeço a todos os bondosos doadores e rogo ao Altíssimo para lhes conceder a devida recompensa.

Franca, 25 de agosto de 1949

José Russo — Provedor-gerente

Evolução do Egoísmo

Do mesmo modo que no direito a força evolue para a justiça, também o egoísmo evolue para o altruísmo. A proporção que a vida eleva os indivíduos para especializações cada vez mais altas, reorganiza-os, pelo princípio das unidades coletivas, em unidades sociais cada vez mais complexas e compactas. A diferenciação dos tipos e das aptidões conduziria ao afastamento deles e à desagregação social, se outra necessidade não os aproximasse, se outra força não o reorganizasse em formas de convivência, onde a atividade de cada um obtenha maior rendimento. A evolução opera então a demolição progressiva do egoísmo, como opera a da força, porque necessário se faz um novo instinto coletivo de altruísmo, que constitui o precioso cimento de amálgama dos impulsos egocêntricos e exclusivistas dos indivíduos. E na evolução social o egoísmo tem que sofrer profundas transformações. Como todos os impulsos da evolução, ele domina enquanto o progresso o exige; depois, excede-se a si mesmo e se transmuda, em face de um novo progresso. Explica-se assim como no mundo há podido nascer, de feroces necessidades, o princípio de altruísmo e de bondade, tão mortífero para o eu, tão antivitual, em sentido restrito, pois que inicia uma ordem de vida que revoluciona todas as precedentes.

Não basta dizer que há duas leis sucessivas, faz-se mister dizer que a mais elevada é sempre mais útil do que a menos elevada. A natureza, extremamente econômica e conservadora, não opera ampliações gratuitas, e, se realiza, é tendo em vista utilidades coletivas e distantes. Nasce assim o altruísmo do amor, a abnegação materna, os heroísmos em defesa de um povo, de uma idéia, dado que o altruísmo não é senão um egoísmo mais dilatado, tanto mais amplo quanto mais se hajam ampliado a consciência individual e o campo que ela abrange. O homem primitivo mais não vê do que o seu pequenino eu e se encerra no momento que passa; não se sente viver nos tempos, na humanidade; na sua miopia, psíquica, isola-se do grande bem coletivo, dentro do pequeno bem que lhe é próprio. Acha-se absolutamente inepto para viver num regime de colaboração, em que a consciência mais evoluída necessita multiplicar-se.

Essa consciência coletiva é uma força do homem civilizado. Por isso, o selvagem, se bem que mais forte, isoladamente, e mais guerreiro, lhe é inferior na luta: é que não sabe organizar-se e manter-se organizado em vastas unidades coletivas, que formam a potência de meios e de resistências do segundo. Quanto mais evoluído é o homem, tanto mais forte sente a Lei que lhe impõe volver atrás e dar-se, para apressar a marcha dos menos adiantados, afim de que a evolução avance compacta.

Vimos («Desenvolvimento do princípio cinético da Subs-

tância»), a Lei guiar a energia, para fazer a dobrar-se sobre a matéria, afim de animá-la com o seu impulso e elevá-la ao nível da vida; em seguida, impôr-se à vida, filha da energia, a elaboração da matéria, até ao psiquismo. Essa mesma lei de coesão, que impõe uma retomada de movimentos inferiores, afim de que revivam em oitavas mais altas, que faz que o alto se dobre para o baixo, afim de que este seja sempre retomado no ciclo evolutivo e nada nunca possa ficar abandonado fora do círculo e apodrecer no fundo fora da grande avançada, essa lei que isso quer é a mesma que impõe ao superhomem (santo, herói, gênio), se sacrifique pelos seus irmãos menores, é o motor do seu instinto irresistível de altruísmo e de martírio. Incompreensíveis dedicações no vosso mundo, onde de nenhum esforço se realiza se não é pago, onde manda o mais forte, onde o mais só se evita por temor ao castigo e o egoísmo triunfa: pequeno âmbito esse, sem saída para a compreensão da grande Lei. São entretanto, lógicos altruísmos esses, verdadeiros simples, forças racionalmente estendidas de um extremo ao outro das fases do vosso universo e do que vos é receável.

(Do livro, «A Grande Sintese», do prof. Pietro Ubaldi)

Maria Máximo

Em Santos, onde residia, a querida confrreira, cujo nome encima estas linhas, terminou seu ciclo terreno, tendo cumprido vida exemplar e digna de todos encômios. Maria Máxima foi provedora por muitos anos do Orfanato «Ismênia de Jesus» e sempre mostrou sua abnegação à causa do Mestre por um procedimento irreprensível, ajudando ao seu espírito de escola as virtudes mais raras.

Seu passamento se deu em dias deste mês e foi como que um chamamento à confraria toda que se apressou em estar em Santos para prestar à querida e nobre companheira sua prova de estima e consideração.

Junto ao corpo falaram diversos oradores, tendo o nosso querido Vicente S. Neto, falado em nome do Venicuis e de nossa folha.

Que Jesus ampare mais essa sua sêrva que se despede do mundo terreno com a consciência tranquila e por ter cumprido e levado a efeito suas sábias lições de renúncia e caridade.

PEDRO RUSSO

Após uma permanência de 85 anos de idade, entre nós, terminou sua prova terrena, no dia 13 deste mês, o venerando e querido Pedro Russo que, há muitos anos, residia na cidade de Monte Santo — Minas.

Seu deseniace, já aguardado por todos os seus familiares, foi cercado por todos esses corações afetivos que o amparou num câmbio maior, amenzando seus últimos instantes.

Pedro Russo — nasceu na Itália no ano de 1884, vindo para o Brasil ainda moço, consorciando-se com da Antonieta Triginell Russo de cuja união vieram diversos filhos, todos integrados em trabalhos

HERANÇA DO PECADO

Um livro que deve ser lido por todos os amantes de leituras sadias e instrutivas.

BAILES

Atenção moços espíritas

Esse assunto era abordado por nós em carta à distinta e culta correspondente, quando o correio nos trouxe, assinado por inteligente jovem, uma pergunta sobre nosso ponto de vista a essa modalidade de diversão.

E, nas entrelinhas, expõe seu testemunho, pois tem presenciado muitas brincadeiras dançantes promovida por moços espíritas.

Sinceramente não sabemos como se deve ser claro, numa resposta assim. Os moços que ainda não sentiram que bailes são tão funestos quanto os vícios mais daninhos, ou são ingênuos ou não querem ver a realidade dura dessas diversões.

Habito pernicioso da mocidade de hodierna, o baile acaba, quase sempre, por degenerar e desviar virtudes... Nêle sempre houve e há consequências imprevisíveis. E a própria moça que nos escreve, em face de tantos convites para os recreios dançantes, acaba por confessar-nos que, na sua opinião, o baile é um divertimento sadio. «Porque, conclui, ela, tenho assistido a muitos recreios dessa natureza no próprio seio das mocidades espíritas».

Mas isso é de se escandalizar o mais descrente dos homens! Temos para nós que as mocidades que promovem brincadeiras assim, pode ser tudo, menos espíritas. E é até bom que retirem o nome ESPÍRITA, pois a Doutrina não pode acomodar patifarias dêsse jaez.

O valor cristão está na simplicidade dos seus atos e nunca nessa exterioridade de complexidade e desvirtua programas sérios.

Somos daquêles que podem incriminar os bailes como responsáveis por uma porção de erros irreparáveis. Desde moços temos assistido a êsse desfile de mascarados da vida. Por longos anos trabalhamos na Polícia do Estado. E infelizmente, cedo soubemos quanta perdição não anda por êsses salões iluminados pela mentira e enfeitadas presunção social.

Fomos obrigados a fazer, por dever, muitas fiscalizações de costumes nos divertimentos públicos. E nunca reforçamos tanto nosso ponto de vista como os que foram constados pela nossa observação. Nos salões de bailes há a degradação moral, campeando e abrindo cam-

A NOVA ERA

Publicado no DEB sob N.º 61, em 29-3-1942 — Inscrição no M.T.C. sob N.º 76.190, em 18-3-1940

— Franca (Est. de São Paulo) 31 de Agosto de 1949 —

ACONTECIMENTOS ESPIRÍTAS

Em Herculândia

Recebemos do querido confrade Angelo Bulutini, presidente do C.E. «Caminho da Luz» de Herculândia, notícias circunstanciadas sobre a visita que fizeram, a essa localidade, os componentes da União Municipal Espírita de Pompeia. Nessa oportunidade de confraternização mais uma vez ficou bem demonstrado o programa de ação social dêsse trabalho de intercâmbio doutrinário e cultural. Parabéns.

Ourinhos S. P.

O C.E. «GUILHERME DIAS» dessa cidade elegeu e empossou sua nova Diretoria que ficou constituída com os seguintes companheiros:

Orestes C. Camargo — Pres; Augusto Costa — Vice; Marcos Gerardo Vascos e Jerim F. Freitas — Secretários; Jerônimo de Souza Santos e Antonio Molini — Tesoureiros; e nos demais cargos e comissões: André Gonçalves, da Laudraria Antonina, da Graça, Bruna, da Decolina Cristini, Clorivaldo Migliari, Manoel Teixeira.

Sanatório de Cocais

(Casa Branca — S. P.)

O C. E. «Discipulos de Jesus» elegueu e empossou seus novos diretores que são os seguintes: Sílvia Carvalho — Pres; Francisco Martins Gimenez — Vice; José da Silva Fo, e José Baldini — Secretários; João Batista Campi e João Velho — Tesoureiros; Lazaro Maniglia Galo — Procurador.

De Portugal

Recebemos mais um numero da bem feita e bem ordenada revista «ALEM» que se edita na cidade do Porto — Portugal. A revista em questão é orgão pertencente a Soc. Portuguesa de Investigações Espíritas e está sob a direção de Manuel Cavaco, sendo seu editor L. de Carvalho.

É mais uma oportunidade que tivemos de sentir o interesse com que nossos irmãos de alem-mar tem pela Doutrina Espírita, uma vez essa revista, em seus selecionados artigos e de redação apropriada, nos mostram em sua maioria assuntos referentes a sua Revelação.

Gratos, fazemos votos a Jesus amparar mais esse esforço de nossos irmãos portugueses, afim de que possam, apesar do endurecimento crua de muita mentalidade transmontana, espalhar os ensinamentos claros do Evangelho na Terra de Camões.

preferir o nome de Cristo e querer forçar um comodismo dentro de pretextos fúteis de diversões, pois êsses bailes não condiz em os princípios cristãos.

Precisamos ter muito cuidado. Os diabinhos coxos andam por aí...

E para vencê-los devemos estar longe dêsse ambientes mentirosos e banais.

Agnelo Morato

A PRESCIÊNCIA DA NATUREZA
A EVOLUÇÃO TERRESTRE
A ORIGEM DO HOMEM

Preciosa obra do confrade
ANTONIO ZACCARO
brochado Cr. \$ 12,00

AOS Nossos assinantes

Aos nossos presados assinantes residentes nas localidades fora dos itinerários dos nossos viajantes, vimos solicitar que nos auxiliem com o remessa das importâncias de suas assinaturas, visto atravessarmos uma época de prementes dificuldades.

A contribuição módica de cada um, será para nós, valiosa cooperação, pelo que antecipadamente agradecemos.

A GERÊNCIA

José Pedro, Vicente e Miguel. Todos êsses, com família constituída, onde 40 netos e 9 bisnetos aumentam o valor moral de sua estirpe. A saída do feretro, o filho José Russo, preferiu uma comovedora alocução consolando os seus familiares, falando sobre a imortalidade da alma.

Queremos aqui prestar ao venerando Pedro Russo nossas homenagens fraternas, pedindo ao Todo Poderoso o ampare no seu amor sublime. E aos seus filhos e vivua queremos enviar-lhes, por intermédio de José Russo, o companheiro de tantas horas, nossa solidariedade cristã.

São em numero de nove os seus filhos encarnados, além de 3 que já estão do lado de lá. São êles: Filomêna, Joana Rosa, Nair, Maria,